



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

PLANTÃO PSICOLÓGICO ITINERANTE COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO SEMIÁRIDO NORDESTINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*ITINERANT PSYCHOLOGICAL DUTY WITH UNIVERSITY STUDENTS FROM THE
NORTHEASTERN SEMI-ARID REGION: AN EXPERIENCE REPORT*

Shirley Macêdo¹
Silvia Raquel Santos de Moraes²
Jermyson Guimarães³

Recebido em: 11/10/2023 – Aceito em: 11/10/2023 – Publicado em: 25/10/2023.

RESUMO

O Plantão Psicológico (PP) itinerante é um espaço precípuo de aprimoramento da escuta clínica. Equipes de plantonistas (estudantes de Psicologia e supervisores) deslocam-se para o local no qual se prestará o serviço. Diante disto, o presente relato de experiência tem o objetivo de descrever/tematizar essa atividade e suas contribuições para o cuidado com universitários do semiárido nordestino ao longo dos últimos anos. O serviço é uma das frentes do Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU), projeto de extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), implantado desde 2018, do qual participam de 12 a 20 estudantes de Psicologia, supervisionados por docentes. Entre março/2018 e junho/2022, foram atendidos 225 universitários de diferentes instituições públicas e privadas. A atividade foi suspensa entre março/2020 e março/2022 devido à pandemia da COVID-19. O movimento de “ir ao encontro de” impulsionou a equipe do NuCEU e a UNIVASF a cumprirem com seu papel social e educativo, ampliando a rede de assistência psicossocial da região para universitários que não têm acesso à atenção psicológica. Muitos usuários tiveram a oportunidade de ressignificar o sofrimento psíquico, as relações familiares e a formação acadêmica; enquanto os plantonistas ampliaram suas possibilidades de capacitação como futuros psicólogos. Conclui-se que o serviço contribui para a efetivação de micropolíticas de cuidado cotidianas, fortalecendo a criação/manutenção de uma rede solidária no contexto acadêmico, democratizando a *poiesis* da escuta clínica para além do instituído.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Cuidado; Formação Superior.

ABSTRACT

The itinerant Psychological Duty (PP) is a key space for improving clinical listening. Teams of on-call workers (Psychology students and supervisors) travel to the place where the service will be provided. In view of this, the present experience report aimed to describe/thematize this activity and its contributions to the care of university students in the northeastern semi-arid region over the last few years. The service is

¹ Instituição do autor. E-mail:

² Instituição do autor. E-mail:

³ Instituição do autor. E-mail:

one of the fronts of the Care Center for University Students of the Semi-arid Region (NuCEU), an extension project of the Federal University of São Francisco Valley (UNIVASF), implemented since 2018, with participation of 12 to 20 students of Psychology, supervised by teachers. Between March/2018 and June/2022, 225 university students from different public and private institutions were assisted. The activity was suspended between March/2020 and March/2022 due to the COVID-19 pandemic. The movement of “going to meet” encouraged the NuCEU team and UNIVASF to fulfill their social and educational role, expanding the psychosocial assistance network in the region for university students who do not have access to psychological care. Many users had the opportunity to re-signify psychic suffering, family relationships and academic education; while on-call workers expanded their training possibilities as future psychologists. In conclusion, the service contributes to the implementation of daily care micropolicies, strengthening the creation/maintenance of a solidary network in the academic context, democratizing the poiesis of clinical listening beyond the established.

Keywords: Psychological Duty; Care; Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

O Plantão é uma modalidade de atenção psicológica que consiste no pronto atendimento de demandas emergenciais de sofrimento no momento em que as pessoas procuram ajuda psicológica (Chaves *et al.*, 2017; Morais *et al.*, 2017). Surgiu atento às demandas sociais no âmbito escolar e tem sido utilizado como modalidade de prática psicológica em diversas instituições (Lima; Ribeiro, 2018) e em diferentes formatos (Barreto; Morato; Caldas, 2013).

O Plantão Psicológico (PP) surgiu contextualizado como prática fundamentada na Terapia Centrada no Cliente, de Carl Rogers (1983), cujos pressupostos envolvem uma crença nas potencialidades do indivíduo e nos seus recursos de autocrescimento, desde que sejam oferecidas a ele condições facilitadoras. Rogers (1997) entendia o sujeito como possuidor da capacidade de intervir em suas próprias questões e assumir o cuidado com sua própria existência. Assim, o PP daquela época, segundo Scheeffter (1983), visava propiciar um ambiente emocional em que o cliente não se sentisse julgado, podendo diminuir suas defesas e expressar livremente as questões que o incomodavam. Nesse contexto, o plantão se definia sob três pilares: a instituição ou espaço de atuação, a qual envolve organização e planejamento; o profissional, e sua disponibilidade para o novo, o imprevisível, o não planejado; e o cliente que legitima sua necessidade (Mahfould, 1987).

Ao longo dos anos, com o avanço de estudos de princípios que resultaram da aplicação prática do arcabouço teórico da Terapia Centrada no Cliente em diversos contextos das relações humanas (Macêdo, 2015), profissionais que pautavam seu trabalho na Abordagem Centrada na Pessoa enveredaram por diferentes caminhos e passaram a reconfigurar o PP a partir de diversas abordagens que bebem da fonte da fenomenologia. No entanto, algo que continua sendo inerente a

esta prática em instituição, é que ele constitui uma modalidade clínica de atenção psicológica emergencial, que busca acolher o sofrimento do sujeito de forma imediata e, nesse serviço, os “estudantes de Psicologia têm um primeiro contato com as dificuldades, desafios e superações da clínica psicológica” (Rosário; Neto, 2015, p. 4).

O PP, ofertado como atividade em serviços escola de Psicologia, viabiliza a integração entre a formação do discente e o atendimento à comunidade; e geralmente ajuda a otimizar filas de espera para atendimento psicológico (Rosário; Neto, 2015). Nem todas as Instituições de Ensino Superior (IES) possuem serviços escola de Psicologia e, considerando-se o aumento da demanda por parte de estudantes que buscam atenção psicológica, reconhece-se a importância da oferta do PP itinerante, ou seja, o que se dirige para a comunidade que necessita de acolhimento. Trata-se de uma oportunidade para ampliar o cuidado com a saúde mental, principalmente no âmbito da oferta de cuidados ao sofrimento mental do universitário, considerado nos últimos anos, como retratavam Padovani et. al (2014), uma questão de saúde pública.

Em contextos de serviços escola de Psicologia, é com outros universitários que, muitas vezes, o estudante de Psicologia vai se deparar ao ofertar PP. A cada dia, estudos têm sido produzidos apontando questões inerentes ao sofrimento do universitário (Auerbach, 2016; FONAPRACE, 2019; Macêdo, 2018). Alguns deles salientam que a rotina de estudos na universidade pode agravar problemas relativos à saúde mental, exigindo dos estudantes posturas flexíveis e resilientes no ambiente acadêmico. Segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES, realizada em 2018, o percentual de estudantes que disseram conhecer alguma dificuldade emocional é de 83,5%; seis a cada 10 estudantes são afetados pela ansiedade e a ideia de morte ou pensamento suicida afeta 19,3% da população-alvo (FONAPRACE, 2019).

No semiárido nordestino, vários estudantes buscam o Centro de Estudos e Práticas em Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco com demandas relacionadas a fatores de risco como história de vida, distância de casa/família, vulnerabilidade socioeconômica, pressões da cultura de alta performance, desamparo, assédio, ausência de redes de apoio, exigências acadêmicas, precarização das universidades, violação de direitos, dificuldades de aprendizagem, comportamentos suicidas e autolesivos, medicalização do sofrimento, dentre outros (Macêdo; 2018; Macêdo *et al.*, 2021a; Macêdo *et al.*, 2021b; Macêdo; Nunes; Souza, 2020; Macêdo, Souza; Nunes, 2021).

Diante disso, criamos o Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário do Semiárido (NuCEU), que oferta diversas atividades para Instituições de Ensino Superior públicas e privadas da região, dentre elas, o PP itinerante, realizado por estagiários e estudantes extensionistas de Psicologia, sob a supervisão de professoras psicólogas. Assim, o objetivo aqui pretendido é descrever/tematizar essa atividade e suas contribuições para o cuidado com esses universitários ao longo dos últimos anos.

2 O QUE É PP ITINERANTE

O PP itinerante constitui um espaço precípuo de aprimoramento da escuta clínica, como escreve Dutra (2004, p. 4): “o diferencial da escuta clínica encontra-se na qualidade da escuta e acolhida que se oferece a alguém que apresenta uma demanda psíquica, um sofrimento, para um outro que se propõe a compreender esta demanda”. E por vivenciar significativamente a experiência dessa escuta, o plantonista encontra-se como que a postos, como um pescador que, sensível à menor vibração de sua linha, a puxa, mesmo que não saiba, ao certo, o que emergirá (Lima; Ribeiro, 2018).

A itinerância consiste na abertura/deslocamento da equipe para a localidade que receberá a oferta do serviço. Desta forma, o plantão itinerante acontece de modo semelhante ao plantão psicológico gestado a partir das práticas clínicas institucionais de inspiração fenomenológica, historicamente referendado pelos trabalhos do Serviço de Psicologia da USP. A diferença consiste no movimento de ir até o público em seu local de convívio, por meio de andanças, deslocamentos, caminhadas em direção ao espaço onde o fenômeno está acontecendo. Consiste em um certo deslocar-a-ação do lugar institucionalmente formal, nesse caso, do serviço escola, rumo a espaços outrora imaginados, tais como, salas de aula, pátios, auditórios, corredores, cantinas, estacionamentos.

Segundo Santos, Barreto e Morato (2014), a ação do psicólogo em itinerância consiste em um caminhar em trânsito pelo mundo por meio de uma atitude de pre-ocupação atenta aos modos como aquele que nos procura se apresenta e cuida de sua existência. Nesse contexto, o termo ação clínica é compreendido pelas autoras a partir de uma perspectiva fenomenológica existencial de Martin Heidegger. A itinerância em ação no plantão psicológico, portanto, envolve e requer uma atitude de inclinar-se ao outro e de acompanhá-lo numa “ação preocupada, atenta ao modo como o cliente vive o seu cuidar, a sua existência, a sua história” (Barreto, 2013, p. 39).

Quanto ao encontro clínico do plantão itinerante, priorizamos a atenção no desdobrar-se da experiência daqueles que padecem e nos procuram. O primordial da escuta clínica em questão é a compreensão dos fenômenos por intermédio de uma atenção clínica não teorizante em relação ao que aparece e se mostra como fenômeno. Para tanto, consideramos os modos como cada ator envolvido é interpelado pelos acontecimentos desvelados. Não há um único espaço legitimado para se realizar o PP, pois anterior ao local de seu desdobramento, é legítimo reconhecer a importância da atitude-plantão (disponibilidade afetiva e abertura para o encontro com a alteridade) por parte de quem se propõe a experienciá-lo.

Sendo assim, por meio de uma ação clínica de inspiração fenomenológica, no PP itinerante que descreveremos mais adiante, parte da equipe o realiza ancorada em uma escuta mediada pela abordagem fenomenológica hermenêutica à luz de Martin Heidegger. Aqui, o mais importante é acolher atentamente o que é apresentado, por meio de um diálogo acerca dos modos de ser e de estar no mundo daquele que padece e, ainda, dos modos como o horizonte histórico de mundo desse outro se manifesta durante o encontro clínico com o psicólogo. A interpretação do fenômeno ocorre por meio de uma postura de abertura compreensiva ao que aparece e se oculta, e ainda, da analítica do discurso e das tonalidades afetivas daqueles que participam do encontro. Levamos em consideração, assim, o horizonte histórico para a co-construção de sentidos entre os interlocutores.

Já a outra parte da equipe é inspirada pela escuta à luz da abordagem humanista-fenomenológica (Macêdo, 2015), que se respalda epistemologicamente em Merleau-Ponty e Gadamer e se fundamenta teoricamente em alguns conceitos da Psicologia Humanista de Carl Rogers. A ideia é que, em um contexto de encontro, torna-se possível a produção de sentido conjunta entre escutador e escutado, favorecendo que, na dimensão da intersubjetividade, as pessoas, ao dialogarem e fundirem seus horizontes, ressignifiquem a realidade e produzam novos sentidos, assim como se permitam construir conjuntamente estratégias de mudança.

Apesar de estar ancorado em inspirações fenomenológicas diferentes, as supervisoras deste PP itinerante têm em comum o movimento de irem às coisas mesmas tal como elas aparecem; ou seja, constroem uma compreensão clínica a partir do desvelamento do vivido daqueles que procuram pelo plantão, indo ao encontro dos fenômenos e dos seus modos de desvelamento, sem uma teorização prévia do encontro clínico. A interpretação acontece com base na experiência narrada, vivida e compartilhada tanto no encontro com o cliente quanto no espaço de supervisão.

3 SOFRIMENTO PSÍQUICO EM UNIVERSITÁRIOS: UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA

Diversos estudos vêm sendo feitos com a temática do sofrimento psíquico em universitários. Destacam fatores de risco, constatando presença de transtornos psicológicos (com prevalência para a depressão e transtornos de ansiedade); sobrecarga de trabalhos estudantis, dificuldades de adaptação; dificuldades emocionais; e desânimo/falta de vontade de fazer as coisas (Auerbach, 2016; FONAPRACE, 2019).

Padovani et al (2014) comprovaram vulnerabilidade psíquica entre universitários e enfatizaram o sofrimento psíquico dessa comunidade como uma questão de saúde pública. Outros autores alegaram que o universitário se depara com aspectos estressores durante a vida acadêmica (Graner & Ramos-Cerqueira, 2017) e que a rotina na universidade (provas, acúmulo/excesso de disciplinas, desorganização da grade curricular, metodologia ultrapassada empregada pelos docentes, muita informação, ambiente hostil, relações conflituosas entre professor-aluno, características da própria IES, excesso de trabalhos, escassez de tempo e autocobrança) interfere negativamente nos níveis de estresse e promove descontentamento entre os estudantes (Moretti; Hübner, 2017). Já Macêdo (2018) referiu que os universitários silenciam um sofrimento insuportável, visto enfrentarem solidão, dificuldade de compartilhar questões pessoais e vazio de sentido.

Preparando pouco os estudantes para o processo de adaptação à vida universitária após o ensino médio, e focadas na preparação para o ingresso do jovem no mercado de trabalho (Ribeiro; Bolsoni-Silva, 2011), as universidades investem mais em práticas pedagógicas, não oferecendo programas que viabilizem adaptação psicossocial dos discentes, bem estar e promoção da saúde e qualidade de vida, o que culmina, em alguns casos, em sentimentos negativos dos universitários quanto à vivência acadêmica, abandono dos cursos e potencialização de problemas de saúde mental.

Para Castro (2017), uma pluralidade de fatores afeta os processos de aprendizagem, adaptação, formação e desenvolvimento psicológico de discentes, e o autor alega que a experiência acadêmica pode ser um desafio ao universitário, já que ele estará envolvido com novos relacionamentos interpessoais (colegas e professores), e terá uma nova configuração nos relacionamentos familiares, o que pode interferir nos seus propósitos de vida, objetivos profissionais e crescimentos pessoais.

Nesse sentido, a IES se torna um instrumento que pode viabilizar fatores de proteção, garantindo segurança e equilíbrio ao estudante, além de favorecer redução de danos à sua saúde física e mental, desde que desenvolva ferramentas de apoio e reavaliem suas políticas curriculares e de saúde mental. Devem, assim, garantir medidas interventivas e preventivas para cuidar da saúde mental de seus aprendizes, tais como: debates, workshops, seminários, ações de formação e promoção de desenvolvimento de competências, atendimento psicológico individual e em grupo, Psicoeducação, treinamentos em habilidades sociais e práticas integrativas. Tais propostas podem contribuir para o bem estar dos estudantes e estimular vivências mais positivas no ambiente educacional, resultando em uma experiência universitária saudável, gratificante e produtiva.

3 O PP ITINERANTE NO SEMIÁRIDO NORDESTINO: UMA HISTÓRIA DE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A inclinação para a itinerância surgiu desde a oferta do PP nas dependências do Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (CEPPSI), serviço escola da UNIVASF, durante o período de 2010 a 2017. Tal experiência vivida pelas supervisoras do NuCEU já apontava para a importância do “ir em direção” àqueles que se encontravam em situação de sofrimento psíquico. Nessa época, alguns nos procuravam no PP do CEPPSI, enquanto outros não tinham condições financeiras para ir e/ou retornar ao plantão, nem tampouco de levar seus parentes, amigos ou colegas de curso/trabalho. Ainda, outros não tinham sequer condições físicas ou emocionais para chegar até o serviço escola. Exemplo disso era explicitado sempre que algum usuário narrava no PP dificuldades de deslocamento, gastos com transportes, distância geográfica entre o serviço escola e outras cidades mais afastadas da cidade sede do CEPPSI. Alegavam, também, o tempo gasto com deslocamento da zona rural até Petrolina e o curto espaço de tempo de permanência nesta cidade, devido horário restrito dos transportes públicos e falta de condições para permanecerem no serviço escola. Isso, às vezes, favorecia que o usuário se deslocasse até o CEPPSI e, diante da grande fila de espera de pessoas que procuravam o PP naquele dia, não conseguia ser atendido devido o horário de retorno para sua cidade de origem. Naquela época, e ainda hoje, o CEPPSI é o único serviço escola público e gratuito da região, o que viabiliza que grande parte das pessoas que nela residem recorra aos seus serviços.

No que diz respeito especificamente à comunidade acadêmica, muitos estudantes verbalizavam sobre o medo de se deslocarem até o CEPPSI e de serem vistos por seus professores

e colegas, ou até mesmo de serem tidos como “loucos” por recorrerem e/ou frequentarem um serviço de Psicologia. A ida até um serviço escola era percebida como barreira e/ou impedimento, repleta de estigmas para alguns estudantes que se encontravam em sofrimento psíquico, sobretudo para aqueles com vulnerabilidade socioeconômica.

Assim, a ideia de itinerância foi se solidificando a partir do diálogo entre as professoras supervisoras e a sedimentação do NuCEU, que passou a ser procurado por vários usuários e IES. Contribuíram para esse deslocamento: a experiência das supervisoras em PP ofertado em contexto de estágio profissionalizante; o conhecimento dos pedidos de ajuda de pessoas em situação de sofrimento psíquico que telefonavam para o CEPPSI e, muitas vezes, não conseguiam sucesso na ligação; o contexto de adversidade vivido pelo público que procurava o serviço escola, que tinha dificuldades de diversas ordens, desde a ausência de documentação até vulnerabilidade socioeconômica e problemas de logística.

Além dessas questões, a equipe do PP do CEPPSI foi se mobilizando em direção à itinerância, que inicialmente ocorreu através de um projeto em uma escola pública de Juazeiro-BA, realizado por uma das professoras que compunha o projeto inicial de PP, como também da experiência em que nos deslocamos para o velório de uma criança que muito mobilizou os moradores de Petrolina no ano de 2015.

Com o tempo, e o crescente número de universitários demandando por escuta qualificada e atenção especializada, a itinerância também começou a ser requerida no projeto NuCEU do semiárido. Encontrar os estudantes em seus locais de origem poderia facilitar o acesso ao serviço de PP, incentivando esses atores sociais ou, até mesmo, encorajando-os a procurar pelo serviço escola, já que demandavam ajuda. Ademais, destaca-se a importância da itinerância de cuidado, uma vez que muitos estudantes universitários da região não têm acesso à atenção psicológica e que grande parte das instituições que prestam esse tipo de atendimento encontra-se superlotada.

3.1 A EXPERIÊNCIA DE PP ITINERANTE DO NUCEU E SEUS RESULTADOS

O NuCEU com o objetivo de intervir frente a demandas de sofrimento psíquico do universitário, realiza ações de cuidado integral, dentre elas: oficinas, grupos interventivos, rodas de conversa, capacitações, acompanhamentos individuais e PP. Também busca viabilizar o desenvolvimento de habilidades em estudantes de Psicologia para atuar diante de tais demandas.

O núcleo é coordenado por uma docente do Colegiado de Psicologia da UNIVASF e financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), da própria universidade, desde 2018. Participam do mesmo, além de professores e estudantes de outros colegiados e instituições parceiras, discentes do 4º ao 8º período e estagiários do curso de Psicologia, que são responsáveis pelo desenvolvimento de ações psicológicas com os universitários/usuários. As ações são realizadas sob a supervisão de uma ou duas docentes e nas práticas, seja de modalidade individual ou em grupo, os estudantes acompanham os usuários em duplas, sendo a maior parte delas no próprio serviço escola, o CEPPSI.

Uma das frentes do NuCEU para garantir o cuidado integral aos universitários do semiárido nordestino tem sido o PP itinerante, pois as instituições demandam ajuda, mas muitas delas estão em cidades longínquas, ou alguns universitários, mesmo precisando, não se deslocam até o CEPPSI. Assim, o PP pode ocorrer nos campi da própria UNIVASF e em outras IES públicas e privadas da região. Partimos da premissa de que encontrar os estudantes em seus locais de origem pode facilitar o acesso ao plantão, incentivando-os e encorajando-os a procurar pelo serviço. A itinerância objetivou otimizar a logística do PP, o que nos fez ir adiante com uma leitura fenomenológica dos acontecimentos no encontro clínico; ora embasados pela compreensão heideggeriana de uma das professoras supervisoras do grupo, ora alicerçados na perspectiva de Merleau-Ponty e Gadamer, adotada pela outra professora supervisora.

A pactuação com essas instituições do sertão do submédio São Francisco costuma acontecer a partir do pedido formal e/ou informal de gestores, professores e estudantes. A região é composta por 53 municípios dos estados de Pernambuco e Bahia. Esses pedidos são endereçados diretamente ao NuCEU e, às vezes, indiretamente ao CEPPSI, seja por meio de mensagens instantâneas, e-mails, telefonemas ou conversas entre os demandantes e os atores do projeto.

No nosso formato, os plantonistas atendem em dupla, com supervisão simultânea, ou seja, acontece *in loco* pelas docentes autoras desse relato de experiência, que se revezam na acontecência do cuidado. A procura é voluntária nos dias previamente agendados, as instituições divulgam a atividade no site ou nas redes sociais e os atendimentos ocorrem em salas de aula agendadas previamente e cedidas pela própria instituição local dos atendimentos, ou em local do campus mais confortável escolhido pela própria pessoa.

Cada PP é ofertado por cerca de 12 a 20 estudantes de Psicologia, tem duração de quatro a oito horas, os atendimentos levam em média uma hora e meia de duração e são registrados pelos

estagiários, ao final, em formulários específicos do CEPPSI. A tabela 1 abaixo apresenta as IES e o número de universitários contemplados em cada PP realizado pelo NuCEU entre março de 2018 e junho/2022. Vale a pena salientar que durante o isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19 (março/2020 a março/2022), o núcleo desenvolveu diversas atividades antes presenciais em contexto remoto, expandindo suas ações para todo o território nacional, acrescentando lives, posts psicoeducativos, eventos, palestras e plantão psicológico em parceria com psicólogos da região que conduziram os atendimentos de suas respectivas cidades pelas plataforma Meet. As atividades eram divulgadas e as pessoas faziam inscrição prévia pelo Instagram @nuceu_univasf. No entanto, houve necessidade de suspensão dos PP itinerantes durante este período, justamente por respeitar as normas de biossegurança definidas pela OMS e o Ministério da Educação.

Tabela 1 – Universitários contemplados pelos PP’s itinerantes realizados pelo NuCEU entre março de 2018 a junho de 2022*.

INSTITUIÇÃO	UNIVERSITÁRIOS CONTEMPLADOS
UNIVASF – Campus Juazeiro (BA)	12
UNIVASF – Campus Ciências Agrárias - Petrolina (PE)	12
UNIVASF – Campus Paulo Afonso (BA)	08
UNIVASF – Campus Centro - Petrolina (PE)	25
UNIVASF - Campus Senhor do Bonfim (BA)	25
UNIVASF - Campus Serra da Capivara- São Raimundo Nonato (PI)	13
UPE – Campus Petrolina (PE)	96
Faculdade de Ciências Administrativas-FACAPE – Petrolina (PE)	26
Faculdade de Saúde de Petrolina - SOBERANA (PE)	08
Total	225

Fonte: elaborada pelos autores. *O serviço esteve suspenso entre abril de 2020 e março de 2022 devido à pandemia da COVID-19.

De acordo com a tabela 1 acima, é possível perceber que dos sete campus da UNIVASF, apenas o da cidade de Salgueiro (PE) não foi contemplado. Houve necessidade de outro PP itinerante no campus de Ciências Agrárias devido a um evento que abalou muito os universitários, porém tanto em Salgueiro quanto esse segundo momento no campus de Ciências Agrárias, o PP

não pôde ser efetivado em virtude da suspensão das atividades nas universidades e escolas locais, tendo em vista a pandemia da COVID-19 a partir de março/2020. Ressaltamos um maior número de contemplados na UPE - Campus Petrolina (PE), em virtude da realização de dois PP's itinerantes em dias diferentes nessa instituição, antes do isolamento social, e mais um após esse período.

A pactuação de cada PP ocorre entre a coordenadora do NuCEU e um representante institucional, em comum acordo de horários com os plantonistas. No entanto, são oferecidas escassas condições estruturais para os PP nas IES, pois o serviço concorre com o calendário de aulas e poucas salas são disponibilizadas para o serviço. Assim, os plantonistas acolhem os universitários, também, em locais mais reservados ao ar livre, espalhados pelos *campi*, ficando uma das salas reservadas para o apoio estratégico, recepção dos universitários e supervisão ao longo e ao final do turno.

Durante o PP itinerante, é possível perceber que as queixas apresentadas pelos estudantes não se restringem ao ambiente acadêmico. Muitas delas estão intrinsecamente relacionadas ao seu contexto social para além da universidade/faculdade. Fatores como a rigidez institucional, a necessidade de cumprir prazos estabelecidos, a falta de preparo na transição do ensino médio para o superior associados a fatores da vida pessoal e social, bem como, à distância de casa, à saúde da família, à falta e/ou dificuldades na construção de vínculos, à solidão, assim como características de personalidade e história de vida desses universitários (Macêdo, 2018), resultam em sentimentos de frustração, que quando potencializados no cotidiano acadêmico influenciam no desempenho do universitário e nas suas relações interpessoais. Desse modo, contribuindo para sofrimento psíquico intenso, crise psíquica grave e/ou adoecimento psíquico dos mesmos, além de comportamento suicida ou autolesivo.

Essas queixas, muitas vezes, fazem parte da demanda principal do universitário interpretada pelos estudantes de Psicologia que, ao relatarem os atendimentos às supervisoras, são mobilizados a falar sobre suas afetações, favorecedoras, também, de sofrimento psíquico que o plantonista enfrenta. Assim, a aproximação com o público - estudantes universitários -, possibilitou identificações, visto que, em alguns instantes, as narrativas de sofrimento no contexto acadêmico se aproximaram e/ou mobilizaram os extensionistas e estagiários. Isso também foi observado em uma pesquisa realizada com plantonistas em serviço escola por Paparelli (2007), cujos entrevistados relataram ser complexo e difícil administrar os sentimentos que emergem durante o atendimento e que muitas vezes podem interferir no atendimento. Nesse contexto, para a

sustentação das tensões e conflitos, a qual a clínica se propõe (Figueiredo, 1996), é imprescindível o estudante não negligenciar seu processo pessoal, onde pode trabalhar suas questões, no intuito de amenizar as identificações e conflitos suscitados.

Os alunos plantonistas também relataram sentir, inicialmente, necessidade de formular um *feedback* e promover intervenções “eficientes”, principalmente quando o usuário mostra saber algo do conhecimento teórico da Psicologia. Além disso, em apenas um encontro, têm-se dificuldade de recolher as demandas de sofrimento para além das queixas. Contudo, o espaço de supervisão, como defendido por Aguirre et al. (2000), constitui-se como indispensável *in loco*, ao possibilitar reflexão sobre as ansiedades, receios, além de contribuir para o acolhimento e o compartilhamento das vivências no PP, uma vez que as docentes ofertam acolhida e cuidado na produção de sentidos que se desenrola ao longo da prestação do serviço.

As ações do NuCEU, portanto, ajudaram a tecer um diálogo ainda mais próximo entre a Psicologia e a comunidade universitária ao se aproximar dos estudantes em seu *lócus* cotidiano, desmistificando a importância do cuidado à saúde mental. A itinerância foi e é uma tentativa de democratizar o acesso à Psicologia, por meio do plantão psicológico, para grande parte da sociedade, a qual ainda desconhece sua relevância e modo de trabalho. Ademais, esse movimento de “ir ao encontro de” impulsionou a equipe do NuCEU, juntamente com a UNIVASF, a cumprirem com seu papel social e educativo sempre que esclarecia sobre as diversas modalidades de atenção psicológica existentes e orientava os estudantes acerca de possibilidades de cuidado existentes para além do serviço escola.

Apesar de todas as dificuldades para o deslocamento e permanência da equipe nos locais onde se encontravam os estudantes, foi possível percebermos o quanto esse esforço de aproximação é válido e reconhecidamente importante. É no e pelo PP que muitas pessoas tiveram a oportunidade de encaminhar questões existenciais importantes, como resignificação do sofrimento psíquico, das relações familiares e da formação acadêmica, assim como algumas tiveram a chance de serem atendidas por um psicólogo pela primeira vez na vida. Ir à campo e redimensionar a ideia de clínica para além do modelo consultorial foi algo de suma importância para o processo formativo de todos os atores da equipe NuCEU e, ainda, para a ampliação da rede de assistência psicossocial da região.

Nesse contexto, todos os plantonistas reconheceram que o contato com a atuação clínica antes do estágio profissionalizante tem sido uma experiência muito significativa, apesar dos desafios frente aos imprevistos e às histórias de sofrimento narradas. Sendo assim, o PP itinerante,

ao permitir ao estudante de Psicologia a vivência da prática psicológica antes do estágio profissionalizante, permite um aprendizado mais amplo e próximo da realidade, favorecendo o desenvolvimento das bases de sua identidade profissional (Paparelli et al., 2007). Ademais, essa experiência “precoce”, ao proporcionar a familiaridade com o “fazer do psicólogo” tem sido concebida como um diferencial para aqueles que já miram seus contextos de estágio e o futuro mercado de trabalho.

Outro aspecto reconhecido pelos plantonistas foi a criatividade para superar os entraves que ocorrem para a realização dos PP itinerantes: a falta de salas disponíveis suficientes para a quantidade de usuários nos *campi*, e a realocação de atendimentos com cadeiras embaixo de árvores mais distantes da aglomeração das pessoas, o que lembra Papparelli (2007), ao defender a importância de se ter flexibilidade para administrar as adversidades institucionais diante das demandas inesperadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PP itinerante realizado por extensionistas do curso de Psicologia costuma anteceder o estágio profissionalizante e tem se mostrado como via de acesso para o aprendizado da escuta clínica, despertando para uma reflexão mais amadurecida da prática psicológica. A possibilidade de atuar com esse dispositivo de cuidado é de suma importância para o estudante, visto que, ao possibilitar contato com a clínica e a historicidade de cada universitário, requer o aprendizado de competências, tais como proatividade, inventividade, dialogicidade, trabalho em equipe, gestão de conflitos e flexibilidade diante das diferentes demandas apresentadas.

Deparamo-nos com a escassez de insumos institucionais (veículos, bolsas, salas, recursos para divulgação) e com a falta de investimentos para contratação de psicólogos em muitos dos *campi* nos quais estivemos, mas avançamos diante da potência mobilizadora dos encontros clínicos e do reconhecimento por parte daqueles que foram contemplados.

Portanto, almejamos que as ações do NuCEU e o serviço de PP itinerante tenham contribuído para a efetivação de micropolíticas de cuidado cotidianas, fortalecendo a criação/manutenção de uma rede solidária no contexto acadêmico. A experiência em questão nos ensinou a redimensionar o lugar tradicionalmente atribuído ao psicólogo, pois nos aproximou da comunidade e do espaço onde a vida acontece em ato, democratizando a poiesis da escuta clínica para além do instituído. Assim, defendemos que o PP itinerante também é um modo de ser cuidado

por onde passamos, convivemos e atuamos.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, A. M. B.; HERZBERG, E.; PINTO, E. B.; BECKER, E.; CARMO, H. M. S.; Santiago, M. D. E. A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. **Psicologia**, USP, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4RChbgBjWm9fHpdb3VxSzmd/?lang=pt>.

AUERBACH, R. P.; ALONSO, J.; AXINN, W. G.; CUIJPERS, P.; Ebert, D. D.; GREEN, J. G. Bruffaerts, R. Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *Psychological Medicine*, 46(14), 2955-2970, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033291716001665>.

BARRETO, C. L. B. T. (2009). Modalidades de Prática Psicológica Clínica: Atenção psicológica e atitude Fenomenológica Hermenêutica. In: IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições. Recife. IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção Psicológica: fundamentação, pesquisa e prática. Recife: FASA – UNICAP.

BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; Caldas, M. T. (orgs.) **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá. (2013).

CHAVES, P. B., Henriques, W. M. Plantão psicológico: De frente com o inesperado. **Psicologia argumento**, Curitiba, PR, 26(53), 151-157, (2017). Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19831>

DUTRA, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, 9(2): 381-387. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a21v9n2.pdf>

FIGUEIREDO, L. C. (1996). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo / Petrópolis: EDUC / Vozes.

FONAPRACE (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES*. Recuperado de: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>

GOMES, N. A. S. C.; CABRAL, B. E.; MORAIS, S. R. S.; LIMA, D. F. (2017). Repercussões da experiência de fazer plantão psicológico para a formação em psicologia. In: C. L. T. BARRETO; B. E. B. Cabral, M. J. Kovács; M. L. S. Schmidt (orgs.). *Prática psicológica em instituições. Clínica, saúde e educação*. (p. 183-201). Curitiba: CRV.

LIMA, D. F.; RIBEIRO, M. S. S. (2018). Plantão psicológico e acontecência do cuidado: problematizando um “não-lugar”. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2), 291-

301. Disponível em: www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2845

Mahfould, M. (1987). *Vivência de um desafio: plantão psicológico*. Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. São Paulo: EDU.

Macêdo, S. (2015). *Clínica humanista-fenomenológica do trabalho: a construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Curitiba: Juruá.

Macêdo, S. (2018). Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 8(2), 265-277. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>

Macêdo, S., Souza, M. P. G. de, & Nunes, A. L. P. (2021). Experiências de estudantes de psicologia ao conduzir grupos com outros universitários. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 27(2), 147-158. doi: <https://dx.doi.org/10.18065/2021v27n2.2>

MACÊDO, S.; SOUZA, M. P. G.; SUDÁRIO, N. D.; NUNES, A. L. P. Pesquisa fenomenológica com universitários usuários de diferentes modalidades clínicas em serviço escola de psicologia nordestino. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, MG, v. 24, n. 2, p. 24-45, jul./dez. 2020a. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/58166>.

MACÊDO, S.; SUDÁRIO, N. D.; SOUZA, M. P. G. de; Souza, M. A. T. P. de. (2021b). Universitários em Sofrimento Psíquico: estudo em serviço escola do interior pernambucano. *Revista do NUFEN*, v. 13, n. 2, 1-14. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200002&lng=pt&tlng=pt

MORAIS, S. R. S.; MACIEL, T. S. C.; ANJOS, W. M. C.; PEREIRA, M. A. T. (2017). Plantão psicológico no sertão nordestino: reflexões a partir de uma experiência de pesquisa e extensão. In: C. L. T. Barreto, B. E. B. Cabral, Kovács, & M. L. S. Schmidt (orgs.) *Práticas psicológicas em instituições: clínica, saúde e educação*. (p. 51-75). Curitiba: CRV.

PADOVANI, R. C.; NEUFELD, C. B.; MALTONI, J.; BARBOSA, L. N. F.; SOUZA, W. F.; CAVALCANTI, H. A. F.; LAMEU, J. N. (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 10, n. 1, p. 2-10. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v10n1/v10n1a02.pdf>.

PAPARELLI, R. B.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. (2007). Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: ciência e profissão*, 27(1), 64-79. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n1/v27n1a06.pdf>.

ROSÁRIO, A. B.; NETO, F. K. (2015). Plantão Psicológico em uma Clínica-Escola de Psicologia: saúde pública e psicanálise. **A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-48. doi: <https://doi.org/10.5546/peste.v7i1.30463>

ROGERS, C. R. (1983). **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U.



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

SANTOS, S. E. B.; BARRETO, C. L. T.; MORATO, H. T. P. Produção nos PPGs sobre ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial: análise compreensiva. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 2, p. 112-134, 2014. doi: <https://doi.org/10.12957/ek.2014.13763>.

SCHEEFFER, R. (1983). *Aconselhamento psicológico: teoria e prática*. 7. ed. São Paulo: Atlas.